

SESSÕES DO PLENÁRIO

59ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 30 de agosto de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA LULA

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao cantor e compositor Antônio Carlos Gomes Conceição, mestre Tonho Matéria, nos termos da Resolução nº 1.834/2018, proposta pelo mandato do deputado Bira Corôa. (Palmas)

Convido para compor a nossa Mesa a Sr.^a Secretária de Cultura do Estado da Bahia, Arany Santana, que neste ato representa o governador Rui Costa; a Sr.^a Secretária de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia, a Sr.^a Fabya dos Reis Santos; o vereador da cidade do Salvador, professor Sílvio Humberto; a digníssima esposa do homenageado Joelma Vieira; o mestre de capoeira Marcos Alabama; o Sr. Presidente da Federação Nacional de Afoxés, Nadinho do Congo; o cantor e compositor Tatau; o Sr. Diretor do Bloco Afro Ilê Aiyê, Roberto Rodrigues; o amigo do homenageado e amigo de todos nós, o Sr. Ailton Ferreira; a ex-vereadora e ex-secretária do Trabalho, Emprego e Renda do Estado da Bahia, Olívia Santana. (Palmas)

Solicito, neste momento, ao Cerimonial que conduza a este recinto, o nosso homenageado, o cantor e compositor Antônio Carlos Gomes Conceição, mestre Tonho Matéria, da cor que é africana cantando a música Viva a Capoeira. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao Plenário.)

Convido a todas e a todos os presentes para acompanharmos a execução do Hino da Bahia com o cantor e compositor, Tatau.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Convido a todos os presentes, para acompanharmos a execução do Hino do Congresso Sul Africano, com as crianças do Mangangá e demais membros.

(Procede-se à execução do Hino do Congresso Sul Africano.)

O Sr. PRESIDENTE (Sr. Bira Corôa Lula):- Que nos cabe como fala, vou deixar mais pro decorrer desta sessão... Primeiro, vou externar mais uma quebra de decoro, vamos assim chamar, ferindo o Regimento e todo procedimento desta Casa, porque normalmente em sessões de entrega de comenda e títulos, a fala é restrita em função do orador ao proponente e ao homenageado.

Com uma Mesa tão representativa como esta, num momento tão especial e tão ímpar para este Poder constituído, nós não poderíamos deixar de ouvir as falas da Mesa e, sem dúvida nenhuma, deixar de retratar e, ao mesmo tempo editar nos Anais desta Casa um registro histórico, uma grande conquista, uma conquista nossa, negros e negras, de poder estar aqui sendo homenageados no Poder constituído do estado da Bahia, pela identificação da nossa existência.

Mas acima de tudo em vida podendo estar participando do registro e de uma condução de alguém que tem dado uma vasta contribuição, não apenas à Bahia, mas ao Brasil e ao mundo, porque reafirmar a nossa identidade sociocultural é mais do que uma contribuição é uma realização.

Estou hoje podendo compor esta Mesa que homenageia com a honraria tida como a mais nobre do estado da Bahia, concedida pelo Poder Legislativo do nosso estado, alguém que em sua trajetória de vida nunca abriu mão da sua origem, nunca abriu mão das suas concepções e nunca se curvou diante das batalhas que tem enfrentado e das que ainda estão por vir, para reafirmar a nossa identidade negra, para dizer à Bahia, ao Brasil e ao mundo que esta sociedade desigual, esta sociedade discriminadora na qual estamos inseridos tem que nos reconhecer, não nos tolerar, mas nos respeitar. É isso que o homenageado de hoje, Tonho Matéria, tem feito ao longo de toda sua vida.

Fico muito à vontade para dizer o que estou dizendo, porque nos conhecemos há algumas décadas, lá atrás, na porta das diversas coordenações do carnaval de Salvador, lá atrás, disputando os poucos espaços que eram oferecidos nas pautas dos grandes eventos, e sempre reafirmando a importância de ousar disputar o espaço que nos era legado. Tomem uma referência dessa luta, teve a capoeira e tem a capoeira como um instrumento de luta de identidade e, por que não dizer, reafirmando a capoeira como um grande pilar de sustentação dessa nossa sociedade que, somada com o outro grande pilar, o candomblé, nos permite nos dias de hoje ainda estarmos na condição de preservar as nossas identidades socioculturais, de poder hoje assistir e presenciar garotos e garotas não tendo vergonha de expor o seu modo de ser, não tendo vergonha de apresentar o seu penteado, o arrumar do cabelo, por mais crespo que pareça ser, sem vergonha e sem temer exibir a beleza negra.

A você, Tonho, tenho de agradecer pela nossa representatividade, agradecer por esse companheiro, esse amigo, esse defensor, esse guerreiro que você tem sido em toda a sua vida.

Que o dia de hoje seja para esta Casa uma referência nova para que outros negros e negras possam estar celebrando como você um reconhecimento do Poder Legislativo do estado da Bahia. Obrigado, companheiro. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Já quebrando o protocolo, eu quero convidar, para fazer uso da palavra, com uma breve saudação, Nadinho do Congo, reiterando a idade, a hierarquia, saudação de três minutos com prorrogação de mais um minuto.

O Sr. NADINHO DO CONGO:- *Motumbá, ongoloxê, kolofê, mukuiú* aos mais novos, e aos mais novos que disseram que eu sou o mais velho. Mas, antes disso, com respeito ao meu tio Ailton.

Mas é assim, esse carinho dos mais velhos e dos mais novos é para os mais novos que estão aprendendo com a gente. E aqui eu estou aprendendo mais um pouco com os mais novos e com os mais velhos que se encontram aí na plateia.

Brincadeira o senhor me colocar como primeiro quando temos aí a nossa secretária, as nossas secretárias. Mas, tudo bem.

Eu só quero dizer, Bira, que nesse momento ímpar, especial para a Bahia, você é ímpar pelo motivo de ter conseguido, durante esse seu mandato, todo o tempo produzir coisas sobre a nossa realidade, a nossa cultura, como o 25 de maio, em que a gente realiza encontros aqui.

Gostaríamos muito que todos os outros deputados que são da origem negra pudessem fazer isso ou estar presentes, mas ainda não há esse respeito. Mas você faz acontecer esse respeito. Então, em nome de toda a Bancada, Bira, o meu abraço. Eu *nalingaca* você. Quero dizer que assim eu fico feliz e satisfeito pelo convite e a família Congo, também, que entra nos seus 40 anos pela terceira geração de história na cultura da Bahia. Fico feliz em representar o maior bairro da América Latina aqui, em poder falar pioneiramente em nome dessa figura que eu tive a oportunidade de conhecer, lá atrás, e que quando as pessoas, os mais novos não sabem, cantava na barraca Toca do Congo, que era ação de cultura do Ijexá da Bahia, Tonho Matéria e mais outros que não estão aqui, como Fia Luna, enfim, confete da Bahia, você está entendendo. Então, para vocês mais novos, nós somos dessa época, e a capoeira nos uniu, também, que eu sou aluno do mestre Virgílio e mestre Curió que foram meus mestres, com respeito a todos os outros mestres que aqui se encontram.

Fico feliz, mas não parei por aí. Então, como licenciado em Educação Artística com habilidade em Música e como ogan do Ilê Axé Ocutainã, em nome do nosso terreiro, um abraço a você, Tonho, que faz a gente ter essa felicidade como nosso comendador e, hoje, me coloco à disposição para contribuir com as orientações sobre a nossa cultura e defesa da nossa raça como bacharel em Direito.

Agradeço pelo convite a toda esta Mesa e dizer que a nossa extensão do Filhos do Congo não para em Nadinho do Congo, e sim na nossa presidente que já se encontra aí, Lindinalva Silva, parceira de Lindinalva de Paula. E a nossa casa está aberta, os braços abertos para contribuir com aspecto social e cultural com relação a essa cultura que pertence a todos nós que vem do Congo e que é banto, com a música, com a dança, com a capoeira e com as iguarias.

Parabéns, querido Tonho Matéria. Eu *nalingaka* você. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra para uma breve saudação, representando todos os mestres, discípulos da capoeira, mestre Marco Alabama.

O Sr. MESTRE ALABAMA:- Vou ser breve e, primeiramente, quero parabenizar o cantor, compositor e mestre de capoeira Tonho Matéria, por ser um guerreiro, porque realmente vencer nessa terra é difícil. E ele foi abrindo caminho,

tanto na música quanto nessa arte que encanta o mundo, que é a capoeira. Então além dele ter feito muita coisa em prol da capoeira, inclusive música que levou ela para o Brasil e para o mundo, como compositor também para a capoeira, pelo trabalho social que ele executa. Parabenizar, também, esta Casa por esse evento de hoje em reconhecimento, porque reconhecimento hoje em dia é muito difícil. Então ele merece tudo e mais ainda por tudo que tem feito em prol da música, porque a música pode salvar o mundo. E a capoeira, hoje, também, está salvando não só muitas crianças no Brasil todo, como está sendo o melhor divulgador da nossa cultura em vários países. Então, o maior embaixador, hoje, em vários países, são os mestres de capoeira, e eles merecem também toda essa homenagem.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Com a palavra para uma breve saudação, difícil dizer breve saudação, o cantor e compositor Tatau. (Palmas.)

O Sr. TATAU:- Queria dizer que Tonho, essa homenagem que hoje está sendo feita a ele é pelo conjunto da obra, com certeza. Há muitos anos na divisão de base, era percussiva nós dois, no Teatro João Caetano, Projeto Seis e Meia, juntos lá. Então é um cara que falo da parte humana e como artista ele tem diversas facetas, um compositor maravilhoso. Aliás, ele é uma das minhas aspirações, aprendi muito com ele, eu era extremamente travado, e vendo Tonho naquela época, já totalmente desenvolvido, me ensinou muita coisa, aprendi muito.

Então, o que está acontecendo hoje é algo muito justo por tudo o que você tem feito. Envolvido nas causas sociais, que a gente acompanha todo o seu desembaraço, as suas ajudas a tanta gente que você dá. E assim, eu estou muito honrado em está representando aqui uma série de amigos que queriam estar aqui neste momento, principalmente a classe de cantores e compositores.

Então ter me escolhido, para mim é motivo de muita honra e você merece tudo isso. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra para uma breve saudação ao diretor do bloco afro Ilê Aiyê, Roberto Rodrigues. (Palmas.)

O Sr. ROBERTO RODRIGUES:- Boa tarde a todos, eu estou aqui representando o presidente do Ilê Aiyê, o Antônio Carlos dos Santos – Vovó. E como trabalho aqui perto eu vim dar um abraço ao meu amigo, irmão Tonho Matéria, que para mim o Tonho Matéria é um paradigma porque ele se envolve em vários momentos culturais e empresariais de Salvador, da Bahia e do Brasil. Ele é um empreendedor! Conheço esse rapaz há bastante tempo, não é nego? Você tem uma história longa também, foi cantor do Ilê Aiyê e é uma honra para todos nós estar neste momento aqui reunidos para presenciar mais um negro comendador no Estado da Bahia.

O meu respeito, Sr. Comendador! Eu não sei como vou tratar agora esse homem. (Risos) Ele já me deu um recado aqui brabo, já deu um recado a mim, mais outro aqui, (Palmas.) e é isso. A Tonho todas as graças ao povo negro desta Bahia que luta com bravura para que tenhamos um estado sem racismo e um País sem racismo.

Obrigado, Tonho, obrigado, Bira Corôa.

Axé! (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Assistiremos à apresentação teatral e cultural Mangangá de todas as Áfricas, coordenado pela professora Cláudia e sua equipe.

Convido neste momento Lindinalva de Paula para nos assessorar aí, registrando algumas presenças.

A Sr.^a Lindinalva de Paula:- Agradecer a todas e a todos, a princípio agradecer o chamado, a gente chamou e vocês vieram, a gente agradece. Eu vou começar o registro de presença com os mestres de capoeira: Sargento Morgado; Mestre Bimba e Pastinha; Oto Malta; Mestre Urso Branco; Mestre João de Barro – Cia João de Barro; Adriano, mestre Gueto; Pinho, mestre Turma de Bimba; Cardo Carvalho – Cia Capoeiragem, Dudu, mestre Grupo da Arte; mestre de Capoeira Mãe Dadá; Conceição, presidente da Associação Mestre Boa Gente; Reis, mestre Nação Capoeira.

Vamos para os mortais: Carlos Eduardo, grupo Quilombola; nosso querido cantor e compositor Dado Brazavile; Ari Sena, PSB; Bispo, Boa Gente Capoeira; Edmir Cerqueira, Movimento Negro Unificado MNU, que completou 40 anos também; Luiz Gavazza, diretor-presidente da BahiaGás; Manoel Natividade, presidente do bloco Samba Popular e Ester Brito, e Edison Antônio.

A gente agradece a todo o grupo e à família Mangangá, Santana, membro do grupo de capoeira Alabama; Conceição, grupo Afoxé Filhos de Nanã, Binho, irmão do nosso comendador, eu também não sei como vou me referir a ele agora. Grupo afrodescendente, nossa querida Gabriela Mel, que realiza Senzala de Luxo em Simões Filho, juntamente com Lucicleide, mobilizadora social da Instituição Abaiomã; Mendonça, agricultor e pecuarista; querido Paulo Axé, radialista, que nos brinda toda noite na *Rádio Excelsior*; Evilásio Vilas Boas; Conselho Municipal da Comunidade Negra; o senhor Felipe Leão, filho do nosso vice-governador, João Leão; Jair Soares, presidente do PP; Salomão Ferraz, de Porto Seguro; Linalva Silva, presidenta do Afoxé Filhos e Filhas do Congo; Andreia Macedo, coordenadora do Centro Social Urbano do Nordeste e da Secretaria de Justiça. E mais mestres: Bicássio; mestre Dedê; mestre Malícia e Jean, mestre Atabaque; Andreia Macedo e a nossa Ana Torquato, chefe de gabinete do nosso deputado Marcelino Galo Lula e o nosso contramestre Ilan.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Dando continuidade eu concedo a palavra ao Sr. Ailton Ferreira, mais velho dos velhos, não assumido, claro.

O Sr. AILTON FERREIRA:- Boa tarde a todas e todos. A Mesa está muito extensa, eu vou cumprimentar a Mesa nas pessoas do deputado Bira Corôa, que propõe a sessão e da minha secretária Fabya Reis, que é a minha liderança na Sepromi, Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e parabenizar o deputado Bira Corôa pela iniciativa da sessão.

É importante quando temos deputados com esse compromisso, com essa visão de mundo que pode trazer para Assembleia Legislativa, que nem sempre é a nossa casa, assuntos e temas e personalidades como o que traz nesta tarde e homenageia aqui o nosso irmão Tonho Matéria.

É muito justa a sua iniciativa, Bira Corôa, porque a gente está falando, aqui, de um empreendedor que não pensou só nele, que é o conceito mais avançado do empreendedorismo, principalmente do empreendedorismo negro. Porque Tonho Matéria é um artista consagrado. Tonho Matéria canta. Tonho Matéria compõe, grava, viaja o mundo todo. Ele poderia resolver a vida, talvez, dele, talvez, cuidando só dele, mas o talvez é muito grande e ele sabe que nós não nos bastamos.

Não basta ser Tonho Matéria publicitário, mestre, cantor, compositor do Olodum, do Araketu e conhecido na rede de televisão. Nós não resolvemos as nossas questões sozinhos nós temos que conspirar pelas pessoas que estão ao nosso lado, e o que Tonho Matéria faz é isso, ele usa o prestígio, a voz, o conhecimento, o capital social dele, musical dele para incluir outras pessoas, secretária Arani Santana, para junta mais gente. E ele faz isso no Pau Miúdo, ele faz isso em Mussurunga, ele faz isso no Pau Miúdo, ele faz isso em Mussurunga, ele faz isso no Engenho Velho da Federação. Estive com a secretária Fabya em dois eventos desses, onde estava lá o povo dos bairros de periferia aprendendo a fazer coisas num projeto com a iniciativa do Mangangá.

Então, é esse tipo de iniciativa que a gente tem que empurrar para que aconteçam outras parecidas. Precisamos ter mais Tonhos, mais Marias, mais Olívias, mais Nadinhos para fazer com que mais pessoas façam para que mais pessoas tenham bens e serviços. A gente não pode cair na armadilha do capital de querer se dar bem sozinho, até porque não vai dar certo. Toda vez que a gente tenta se dar bem sozinho, ali na frente alguém vai lembrar qual é o nosso caminho e qual é a nossa história.

Então, Tonho Matéria, parabéns. É um comendador bem-merecido pelo trabalho que faz. Para além do trabalho musical, o trabalho social de agregar, de juntar pessoas, de incluir meninos e meninas que, muitas das vezes, a armadilha empurra para a morte nas valas das favelas. E você está ajudando a salvar vidas.

Então, viva Tonho! E parabéns ao deputado Bira Corôa. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Eu quero ainda registrar e saudar algumas presenças: Marcelo Grauçá, mestre de capoeira; mãe Jacira Miranda; Graça Onasilê, primeira cantora do Bloco Ilê Aiyê, que está completando 30 anos de carreira. Obrigado, Graça. (Palmas)

Olhando aqui a Mesa, Tonho, me chamou a atenção uma coisa: poucas vezes a gente teve uma Mesa tão negra quanto esta, de mulheres e de homens que não apenas simbolizam a nossa resistência, mas compõem, acima de tudo, uma vanguarda de militantes da causa mais nobre que este país e este mundo podem ter, que é construir uma sociedade mais justa, mais igualitária, com todos e todas tendo oportunidades. Então, saúdo esta Mesa negra. (Palmas)

Também não poderia deixar de registrar as presenças de Negrizú, que está lá no fundo, e do irmão de Tonho.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Com a palavra o vereador Silvio Humberto. (Palmas)

O Sr. SÍLVIO HUMBERTO:- Boa tarde a todos e todas.

Cumprimento essa extensa, valorosa e esplendorosa Mesa, com a nossa secretária Arany Santana. Parabênzo, de fato, o deputado Bira Corôa. Estou cada vez mais convencido de que tem coisas que só acontecem porque nós estamos presentes. E é importante nós termos essa capacidade de reconhecer um ao outro. (Palmas)

Então, isso só acontece, principalmente numa área tão árida como é a política, em que é tão difícil estabelecer vínculos, porque nós estamos nela. Mas nós contrariamos essa estatística na medida em que estamos todos aqui e que as fronteiras partidárias não nos dividem. É uma oportunidade de juntarmos esforços, porque somos – e tenho dito sempre isso quando falo com Olívia e com os demais pares – gente que se importa.

E quando é gente que se importa, o reconhecimento tarda, mas não falha. E nós que acreditamos na força do tempo, tudo com tempo tem tempo. Tonho, agora é seu tempo. Imagine, você conhece profundamente Tatau, que aqui está e já deu seu testemunho, que não somente canta, mas também encanta milhares, muita gente.

E nessa trajetória de fazer política, andando e conhecendo essa Bahia tão singular e plural, eu estava saindo de Alagoinhas em direção a Retirolândia. Uma boa viagem. E numa dessas coisas retrô, eu tive oportunidade, quando liguei o rádio do carro, de ouvir: “Agora a onda é andar de buzú”. Quem estava cantando? Imaginem a viagem, assim de tarde, você ouvindo... Eu disse: “Poxa, olha Tonho”. Enfim, sou graciado, neste momento, de estar aqui rendendo esta homenagem.

E aproveito para cumprimentar a plateia nas pessoas de Mestre Boa Gente e Mestre Dedé, que são parceiras de sonhos, porque é isso que nós fazemos, nós sonhamos.

Para mim é uma satisfação muito grande ter esta oportunidade de estar aqui. Às vezes, a gente fica na dúvida se te chama de comendador. Mas eu diria assim: primeiro, o Mestre; depois, o Comendador, porque mestre nós sabemos que foi a sua vida, foi essa relação de amor ao próximo, de gente que se importa, de gente que sabe a diferença, que continua com essa trajetória de juntar as pessoas, de entender aquilo que dizia Steve Biko.

E nas vezes que você passa com o Trio da Capoeira, naquela parada estratégica ali, eu já tive oportunidade, duas, três vezes de ver você render homenagem a esse nosso trabalho. E quero devolver essa homenagem lembrando do nosso próprio Steve

Biko, quando ele diz que os nossos projetos não são somente projetos sociais; são também verdadeiras declarações políticas em prol das nossas comunidades. É essa política do bem viver, é essa política de se importar um com o outro.

E quando nós estávamos aqui assistindo a esses meninos, vi aquele gesto do menino no tempo, no *time*. Isso só nos faz lembrar das tantas crianças que só precisam de oportunidades, de mais projetos sociais, de mais formas de inclusão. E de como este nosso país estaria numa posição muito melhor se, minimamente, estivesse aberto a aceitar essa nossa generosidade. Porque quem está aqui é extremamente generoso, não olha para o umbigo. Muito pelo contrário, busca crescer ajudando o outro. É nisso que acreditamos, nós somos fruto disso.

Então, meu irmão, como diz os Wakanda Forever, vou terminar dizendo o que eles falaram lá no final: nos momentos de crise, você não levanta barreiras. Você constrói pontes. Mestre e comendador Tonho Matéria, você é um daqueles que sabe muito bem construir pontes. Parabéns! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Quero ainda registrar e saudar as seguintes presenças: Anderson Jamaica, da Banda Xote de Anjo; Mestre Alfredo; Mestre Paulo Axé (palmas); e do ex-deputado Isaac Cunha. (Palmas)

Aproveito, Isaac, para reafirmar o seu compromisso com as nossas causas. Esta Casa tem um vazio com a sua ausência numa cadeira muito significativa, na qual o senhor durante um bom período pôde estar aqui defendendo os interesses do povo baiano.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Com a palavra, neste exato momento, a secretária de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia, Dr.^a Fabya Reis. (Palmas)

A Sr.^a FABYA REIS:- Boa tarde a todas, boa tarde a todos.

Quero cumprimentar esta Mesa extensíssima, representativa, forte e que nos deixa extremamente felizes, na pessoa da nossa secretária Arany Santana, que representa o nosso governador Rui Costa. Também cumprimento o proponente desta sessão, deputado Bira Corôa, que nos possibilita promover este encontro para uma tarde de reconhecimento. Portanto, Bira, quero parabenizá-lo por oportunizar à comunidade baiana reconhecer o nosso Tonho Matéria. Ele hoje enche esta Casa para que a gente possa abraçá-lo.

Todos que me antecederam aqui já falaram do seu trabalho, das suas qualidades, e todos os que virão farão isso. Porque hoje é dia de reconhecê-lo. Hoje é dia que o senhor nasce, depois de tudo que percorreu enquanto mestre, comendador para toda a Bahia. Portanto eu quero saudar o nosso deputado Bira Corôa e o nosso homenageado da tarde.

Quero também estender aqui os cumprimentos à Mesa, a Joelma, a sua companheira, que nos honram e que sabem que esse é um trabalho coletivo de todos e todas. (Palmas)

Ao olhar essa plenária, cada vez mais a gente reconhece esse homem, que é capoeirista, que é mestre, que é cantor, que é artista e que é também, na sua opção de vida, um ativista político, militante antirracista. Porque, muitas vezes, você não anuncia essa agenda de trabalho, mas ela é carregada com a sua trajetória, com a sua força.

E hoje vejo aqui pequeninhos e pequeninhas, vejo adolescentes e vejo mestres e mestras. Essa é a comunidade do Pau Miúdo, da Federação, de Salvador, da Bahia. Porque, Tonho, você faz da arte a sua vida e traz a arte para também costurar essas vidas, inspirar outras gerações, trazer agendas de trabalho com leveza, sabendo fazer reconhecer que nessa trajetória muitas pedras estão no caminho. Mas sabendo que a arte, o sorriso, a solidariedade e o bom exemplo fazem transformações extraordinárias.

Portanto, estamos hoje aqui para reconhecer essa sua capacidade. Você soube, coletivamente, dar as mãos a esses mestres e mestras, ao conjunto desses homens e mulheres que com você celebram a potência que nós temos para transformar esta sociedade, incluindo crianças negras, homens negros, mulheres negras. É uma agenda para que a gente possa cada vez mais combater machismo, racismo e todas as outras formas de opressão.

Nós, seus amigos, sabemos das suas qualidades, do quanto você se lança nessa agenda – seu filho está aqui, provavelmente, com o coração retumbante de alegria, com o coração batendo no peito. Hoje eu vejo um Plenário alegre, feliz, por reconhecer um irmão. E nós queremos, cada vez mais, ter os nossos irmãos negros reconhecidos por esta Casa, reconhecidos pela Bahia, reconhecidos pelo Brasil.

Hoje eu lhe trago o meu abraço, com muito orgulho. Você, que é membro do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra e está à frente do Mangangá, constrói um conjunto de ferramentas para que a gente possa, sim, plantar os nossos sonhos, construindo uma nova sociedade com nossas representações em vários espaços. E hoje o nosso comendador eleva, sem dúvida nenhuma, o nosso espírito de alegria. Seja bem-vindo, comendador Tonho Matéria!

Parabéns, Bira Corôa. Obrigada, Tonho. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Com a palavra a ex-secretária Olívia Santana.

A Sr^a OLÍVIA SANTANA:- Boa tarde a todas e a todos.

Quero, inicialmente, saudar e parabenizar o presidente desta sessão e autor desta iniciativa, deputado Bira Corôa. Quero também cumprimentar a secretária Arany Santana, a secretária Fabya Reis e toda essa Mesa tão representativa de pessoas que têm em comum o fato de lutarem contra a discriminação racial, o fato de serem mulheres e homens negros que, neste momento, homenageiam essa figura, essa personalidade que é um ícone para todos nós, que se chama Tonho Matéria.

Tonho Matéria vai receber essa comenda nesta Casa, deputado Bira Corôa, mas ele já é um comendador popular. Ele já é uma figura que faz até relações diplomáticas para capoeira, para a música, para o axé, para todo o capital cultural que nós temos no estado da Bahia, especialmente na cidade do Salvador.

Então, vereador Sílvio Humberto, que também testemunha esta sessão, Nadinho do Congo, todos e todas que estão aqui, para mim, esta sessão é um retrato do muito do que nós somos, embora saibamos que nós somos ainda muito mais do que tudo isso.

Aílton Ferreira, quanto à fala feita por Sílvio, coisas como essa só acontecem porque estamos aqui. Nós estamos aqui através do mandato do deputado Bira Corôa. Bira Corôa, eu desejo que você consiga, de fato, travar esta batalha, que todos nós estamos aqui. Eu estou travando a luta como mulher negra e candidata. E você luta pela sua reeleição.

E a gente não quer chegar aqui para tirar o espaço dos nossos, dos bons, dos que lutam, dos que fazem a luta democrática, dos que fazem a luta pela eliminação de toda forma de discriminação. Nós queremos chegar aqui no lugar daqueles que viram as costas para nós, para as nossas causas, para aquilo que a gente acredita. (Palmas)

Portanto, Tonho Matéria, eu finalizo mesmo a minha fala dizendo que eu não tenho nenhuma dúvida, eu tenho certeza, segurança, não de agora, mas de muito tempo, que a gente tem a serenidade de saber quem você é e qual o seu papel nesta história de transformação social que a população negra vem buscando, tentando e lutando secularmente fazer neste estado e neste país. É bonito a gente ver esta criançada aqui, esta juventude aqui, todo mundo bebendo na fonte de Tonho Matéria.

Eu vi e quero saudar Dr. Zé Mendonça, presente neste Plenário, uma figura especial; a representação do vice-governador João Leão, eu esqueci seu nome, desculpe, Felipe Leão, que está aqui também.

Mas eu quero saudar todos os mestres de capoeira, toda a comunidade da capoeira que está aqui, os blocos afros que estão aqui, o mestre Boa Gente que está aqui, o mestre João de Barros. Todos os que estão aqui, estão, neste momento, reverenciando a figura de Tonho Matéria, que não é só Tonho Matéria, mas ele é a síntese de todos nós.

Ver Tatau, melhor, rever Tatau. E a gente fica muito se dando conta dos nossos limites. Elis Regina cantou sobre os limites do corpo. Nós cantamos sobre os limites da política. E os limites da política, também, impõem limites em outras quadras, inclusive na quadra da arte e da cultura. Não é?

Eu queria muito ver mais você, não é, Tatau? Continue a brilhar como você sempre brilhou, porque você tem uma trajetória. E artistas, como você e como Tonho Matéria, sem falar nos blocos afros... Os blocos afros se mantêm, porque são blocos afros, são grupos, são coletivos que se sustentam. Toda vez que a gente estabelece uma ruptura, parece que a gente não tem o direito de andar sozinho, de se reconstruir sozinho: ou está junto ou não está.

Então, é muito importante a gente pensar nisso. A gente está num momento em que se fala muito de empoderamento. Pois bem, empoderamento significa mexer a

escada, porque o povo negro sempre tem sido usado como escada para que outros subam. E é fundamental que essa escada faça aquilo que Angela Davis nos ensinou, faça aquilo que Marielle Franco nos ensinou: se mexa e se mova para poder mover as estruturas.

Quando essas estruturas se desmantelarem, significará o efetivo empoderamento da população negra, das mulheres negras, dos de baixo. Não há possibilidade de democracia sem a nossa participação. Qualquer projeto de nação sem nós jamais será um projeto democrático.

Então, comendador, por favor, receba este título e fique ainda mais forte para lutar junto conosco por um mundo melhor para nós, mas, sobretudo, para elas e eles, principalmente esse maestrinho que, aqui, comandou este grupo de crianças que cantou o Hino do AEMC.

Viva Mandela! Viva Tonho Matéria! (Palmas)

Forte abraço! (Palmas)

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Registro a presença *Canal Revista Digital* dando esta nossa cobertura.

Neste momento, eu concedo a palavra a Joelma Vieira, esposa do comendador. (Palmas)

A Sr.^a JOELMA VIEIRA:- Boa tarde a todos.

Peço a bênção dos meus mais velhos, a bênção dos meus mais novos.

Cheguei aqui viva para ver tudo isso. Não sei como será a partir de agora lá em casa (risos), mas vai dar tudo certo (risos).

Quero agradecer ao deputado Bira Corôa pelo incentivo e por trazer o Tonho para esta realidade porque a gente estava esperando, há muito tempo, este reconhecimento. A Mangangá Capoeira faz isso. A música faz isso.

Todos falaram brilhantemente sobre o Tonho. E o Tonho é exatamente tudo isso. Ele não é só. Ele não está só. Ele está sempre com todos tentando fazer cada vez mais por todos.

Eu, na condição de mulher e de esposa, me coloco ao lado dele para juntos podermos caminhar. Eu não queria falar muita coisa, porque hoje eu estou extremamente emocionada. É muita coisa!

Mas obrigada a todos vocês que nos abrem todas as portas. Sempre que a gente pode, sempre que a gente leva um projeto, sempre que a gente busca um conselho, vocês estão sempre nos abraçando, sempre nos acolhendo.

Muito obrigada de coração a todos vocês. (Palmas)

Eu sabia muito pouco sobre a capoeira, pois não sou capoeirista, mas aprendi amar a capoeira e aprendi a andar com a capoeira. O Tonho tem me ensinado isso a cada dia. Quanto ao amor e à força, a capoeira nos dá diariamente.

Há dois anos, o Tonho ficou praticamente cego. Poucos sabem disso. E quem esteve próximo da gente viu o sufoco pelo qual ele passou. Mas quando eu falo cego, foi cego de se bater em casa, se bater nas portas, no fogão. E aquilo, até então, eu não percebia porque, realmente, ele tinha perdido uma visão.

E quando a gente comunicou o fato a alguns mestres amigos, eles e, principalmente, a Mangangá acolheram Tonho. E quando o médico disse: “A partir de hoje, o senhor não vai fazer mais capoeira”, nós saímos do consultório por volta das 3 horas da tarde e ele me pediu para levá-lo à Mangangá.

Aí, eu comuniquei aos meninos que o mestre estava indo, alguns já sabiam da situação. Ao chegar lá, foi uma grande homenagem que eles fizeram ao abraçar o mestre. E, daí então, começou-se a busca pela visão, a busca pela recuperação. Arany sabe um pouco disso e compartilhou a situação. Não é?

Então, o mestre ficou praticamente sem enxergar durante um ano e um pouquinho. Alguns mestres, durante o ano passado, sentiram essa dificuldade na hora em que chegavam para cumprimentar ele num evento nosso. Ele não conseguia ver direito, mas, pelo som da voz, reconhecia e falava; outros não. Algumas pessoas acharam que ele passava e não olhava, não falava, mas completamente cego. Hoje ele está recuperado.

Eu agradeço isso a Deus, aos orixás, à capoeira. Ele chegou em casa uma vez com uma camisa bonita e escrita: “A capoeira cura, a capoeira liberta.” E a capoeira tem essa função na vida da gente para quem acredita e confia nela.

Era este o depoimento que eu queria dar sobre a força, sobre a coragem que o Matéria tem. Então, foi através da capoeira que ele se curou e está, cada vez mais, buscando esta cura.

Meu muito obrigado a todos vocês da capoeira e da Mangangá em especial porque, sem vocês, não chegaríamos muito longe.

Obrigada. (Muitas palmas)

Tudo isso é vivência, pois são 28 anos de luta e de acreditar. Nós nos acreditamos. Sempre estive ao lado dele, sempre estivemos dando força um ao outro.

Eu quero agradecer a Tonho, a todas as palavras, diariamente, toda a força que você me dá para que eu possa crescer cada vez mais.

Hoje eu fiquei pensando: meu Deus, o que eu vou falar lá? Mas eu estou completamente tirando tudo, enfim, e passando para vocês, o carinho, o amor que nós temos por Tonho, pela capoeira, pelos amigos que estão firmes e cada vez mais fortes com a gente.

Tonho, Raison não está aqui hoje. Raison escolheu a trajetória da música. Hoje é o último ensaio que ele faz com o grupo NEOJIBA, onde ele está há 5 anos. Esta será a sua primeira turnê internacional durante 23 dias. Ele viaja no domingo. A mãe está aqui sofrendo. Mas ele ficou triste, muito triste por não estar com você. Mas, daqui a pouco, ele vai falar aí para te deixar uma mensagem. Não fique triste. Infelizmente, ele não pôde estar aqui. Hoje, aos 14 anos, ele é chefe de naipe da parte

percussiva da NEOJIBA. Então, realmente, hoje ele não poderia estar aqui. Mas tenha certeza de que ele está lá torcendo por você.

Vamos ser felizes (risos). (Palmas)

Meu muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Só o nosso povo sabe que não se constrói sonhos e não se atinge objetivos sem a emoção, só o nosso povo sabe disso. Então este é um momento também de todos nós, não é? Tem de deixar fluir a emoção que nos envolve neste exato momento, mas eu... Tenha calma, tenha calma, secretária, tenha calma. (Risos) A secretária está aqui agoniada para finalizar pela emoção.

Mas eu quero, neste exato momento, conceder a palavra à nossa secretária de Cultura, Arany Santana (palmas), que, neste ato, representa o governo do estado da Bahia, o governador Rui Costa.

A Sr.^a ARANY SANTANA:- Mas é uma covardia falar depois da fala da nossa Joelma, gente.

Boa tarde a todos os presentes, boa tarde aos mestres, aos mais velhos presentes nesta plateia e aos mais novos, as crianças.

Quero saudar a Mesa. Todos já falaram desta Mesa como uma das mais significativas, mais brilhante, que tem a nossa cara e está aqui hoje. (Palmas) Isso tudo é mérito do Sr. Corôa Lula, pois tem tido a ousadia de fazer sessões plenárias desta envergadura. A semana retrasada foi com o Balé Folclórico da Bahia que completou 30 anos.

Quero parabenizá-lo, Bira Corôa Lula, pela sua sensibilidade em estar buscando as nossas representações de matriz africana, e fazer homenagens aqui neste Plenário.

Quero saudar o nosso homenageado, o nosso comendador. Mesmo tardia esta homenagem, saiba, meu querido, que todos os mestres presentes se sentem homenageados por conta desta homenagem que está sendo dirigida a você hoje.

Quero saudar Alabama, grande mestre; saudar Tatau; Roberto; a minha secretária querida da Promoção da Igualdade Racial e de muitas andanças; Sílvio Humberto, o nosso vereador que tem a nossa cara e vive também na batalha.

Saúdo, também, a nossa Joelma querida, companheira, parceira, mulher, guerreira. Ser mulher de capoeira não é brincadeira, não é minha irmã?

Pois é! Saúdo, também, Nadinho do Congo, o mais velho dos mais antigos (risos), a raiz dos afoxés; Olívia Santana, essa voz combativa, mulher negra, que está na batalha; e o mais velho dos velhos que é Ailton Ferreira mesmo. (Risos) Não adianta. Você faz história, você nos conta histórias. (Risos) Pois é. Você é o nosso “guriú”.

Estou representando o governador. Por isso, eu fiz um discurso escrito para eu ter um pouco mais de disciplina. Mas é com imenso prazer, viu, gente, comparecer a

esta sessão durante a maior honraria concedida por esta Casa. Eu estou representando o nosso governador Rui Costa. Ele manda um abraço para você, ouviu, Bira, e para você também, viu Tonho Matéria.

(A oradora e a plateia cantam a música *Todo menino é um rei.*)

A Sr.^a ARANY SANTANA:- Dei uma de maestro. Aprendi hoje com esta criança.

Um dia, minha gente, esta canção despertou no coração do menino Antônio Carlos, do bairro do Pau Miúdo, nascido em casa, entregue pelas mãos de sua mãe a São Lázaro, o desejo de ser cantor. E assim se fez Tonho Matéria.

Desde cedo, Tonho Matéria ajudava a mãe no tabuleiro. Conheceu a capoeira ainda menino, onde despertou para o universo musical. Seduzido pelo toque dos afoxés e do ritmo do candomblé, foi traçando um longo caminho que o transformou no Tonho Matéria que nós conhecemos.

Bloco Ébano, Afreketê, Olodum, Ilê Aiyê, Amantes do Reggae, Araketu, são muitos os blocos afros e inúmeras músicas de capoeira espalhadas por todo o país. Compositor de mão-cheia, produziu músicas para as rodas, fez samba-reggae, fez música afro, axé music e muitos outros sambas. Acho que até samba junino, não foi, Tonho? Então, junto com quem? Tatau, o rei do samba junino.

Hoje, à frente da Associação Cultural Capoeira Mangangá, que desenvolve esse trabalho brilhante por todo mundo, ele se desdobra no bloco da capoeira, sem perder de vista sua origem no bairro do Pau Miúdo, onde assiste essas crianças e adolescentes.

Ele é cantor, compositor, mestre de capoeira, publicitário – tudo o que já foi dito – e o primeiro artista que teve a coragem de inserir a capoeira em espetáculos musicais. Quase ninguém ousava fazer isso, não era, Tonho?

É, Tonho Matéria, você seguirá a sua trilha, continuará a superar desafios, porque essa é a nossa vida, e a inspirar outros meninos que, como você, sonham um dia em ser um rei.

Viva Tonho Matéria, meu comendador. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Registro a presença do mestre Pinaúna (palmas). Faço uma saudação ao nosso homenageado, mestre Tonho Matéria.

Como a nossa secretária Arani, nossa assessoria contribuiu com um relato histórico de Tonho Matéria. Mas, diante de todas as falas, não vou usar todo esse relato, apenas destacar pontos que eu acho significativos. Primeiro, dizer o quanto é importante a gente ter origem, o quanto é importante a gente reconhecer a nossa origem. E mais importante do que ter origem e reconhecer a origem, é fazer valer a nossa origem. (Palmas)

O menino que nasce num bairro periférico de Salvador, bairro negro, que vivencia, e vivenciou na sua infância e adolescência, todo um processo de discriminações, todo um conjunto de complexidades que o empurrava para a

inferioridade. Um menino que, ao olhar dos seus pais, já brilhava, já despertava a vontade de sobressair e dizer: “Eu não aceito ser diferente, porque eu sou tamanho, cor e ser igual a todos os outros”. Um menino que aos 12 anos faz uma opção de, pela capoeira, abrir um novo caminho, que contou, acima de tudo, com seus mestres, destacando a presença sempre forte da concepção de conjunto e de trabalho harmônico, que na leveza dos seus movimentos e na seriedade e na integridade de construir um novo tempo, postou-se na capoeira, na música e no convívio social com uma diferença destacada. Alguém que, por mais zangado que estivesse, era incapaz de ofender. Eu posso dizer isso porque vivemos bons momentos e maus momentos. Tivemos situações em que a vontade era de esganar e de meter o pé nas portas, e esse cara aqui era aquele que sempre chamava, orientava e conduzia para um outro grau de superioridade que a gente não pode deixar de destacar.

Lembro que em duas ou três oportunidades em que estávamos em pé de guerra pelo descaso, pelo desrespeito e pelo destrato que os setores organizados dessa nossa sociedade nos dava, Tonho – sempre no gingado da capoeira, no movimento leve, sutil e astucioso, porque não dizer na maestria que a capoeira lhe proporcionou, no jeito forte de mandingueiro – conseguia sempre nos convencer de que o caminho era outro: de que era importante lutar, não precisávamos desistir, não tínhamos que desistir, mas tínhamos que fazer valer as poucas armas que tínhamos naqueles exatos momentos.

E esse é o cara que a gente está, hoje, tendo a felicidade e a honra de estar homenageando nesta Casa. É esse o cara que, com seu jeito de compor e de cantar, como muito bem colocou aqui Tatau, conseguiu orientar várias gerações. Não só se sobressaiu na sua geração, mas é um referencial que terá vida longa pela sua capacidade de conduzir, pelo seu respeito às pessoas e pelo trato de construir, coletivamente. O Malangangá nos reflete isso: alguém que volta para o seu bairro, aliás que nunca saiu do seu bairro, por mais que tenha viajado, que consegue implantar um programa e um projeto social que utiliza a capoeira como referencial, que historia as nossas vidas nas suas letras e composições, que nos afirma todo dia que somos iguais, belos e capazes.

Então é esse cara que esta Casa, este Poder Legislativo constituído dá hoje um passo significativo de homenagem e reconhecimento e honraria. Por isso, Tonho, que eu quero apenas destacar, além do que já foi aqui retratado, que não é à toa e não é no acaso que vários prêmios foram assim lhe concedido.

Aí eu podia dizer – já foi dito aqui: o primeiro artista baiano, brasileiro e internacional que nos colocou no palco, mestres, com a capoeira. O primeiro troféu, talvez não reconhecido ainda e não identificado simbolicamente, mas muito presente nas nossas consciências.

Mas também teve o Prêmio Imprensa, em 89, como a melhor música e como o melhor compositor do ano; o prêmio Troféu Caymmi, 88, 89, compositor mais gravado do ano; O Prêmio Sharp, 91, melhor música do ano na categoria samba, concorrendo com Paulinho da Viola e Martinho da Vila. Isso quer dizer que não é uma disputa qualquer; prêmio Troféu Bahia Folia, 90, com a música mais cantada nos carnavais; prêmio Troféu Exclusivo, melhor destaque do ano de 90; prêmio Troféu

Bahia Folia, 94, melhor destaque do ano; Prêmio Qualidade do Brasil, 98, 99 e 2000; prêmio Troféu Jorge Amado, 2002, melhor puxador de trio; capa de várias revistas, musicais e de capoeira; participou do Festival de Montreux, na Suíça, além de ser cantor principal do Olodum.

Dizer, Tonho, que todos esses prêmios – Medalha de Zumbi dos Palmares e outros que a gente não pôde destacar –, que todas essas conquistas e prêmios não foram capazes de fazer você perder uma das qualidades mais forte que você nos apresenta, que é a sua humildade, o seu senso de coletividade, a sua generosidade e o seu companheirismo.

Por isso que esta Casa, no dia de hoje, se sente muito honrada. E eu posso dizer numa atividade ímpar, numa atividade que reflete, acima de tudo, o quanto é possível se vencer as barreiras, se enfrentar novas oportunidades, mas conquistar novos espaços.

Estou dizendo isso porque estou vendo muitos garotos, muitos jovens – e jovens quase jovens, assim como eu. (Risos) Bom! Mas dizer o quanto é importante a gente fazer uma reflexão no dia de hoje, no momento que estamos vivendo no Brasil, um contexto social, político e econômico que nos empurra de novo para baixo, que retira direitos conquistados pela classe trabalhadora, que extrai conquistas significativas da nossa sociedade civil organizada, que tira do contexto “Orçamento da União” recursos importantes para programas e projetos sociais, que criam a concepção “de volta à grande casa”, ou à senzala, porque é capaz de empurrar para a condição de dominados sob os interesses de dominantes o povo brasileiro.

Este é o momento em que mais uma vez todos nós somos chamados para uma outra responsabilidade, a responsabilidade de reproduzirmos no nosso cotidiano e nas nossas vidas centenas, milhares e milhões de Tonhos Matéria.

É esse exército de resistência, de enfrentamento, de sabedoria e de capacidade de articulação, de posicionamento, de ocupação de espaço que poderá e nos permitirá sair desse estado, ou desse estágio, em que vive o Brasil. E aí quero retomar, nas palavras de Olívia, o quanto é importante, reafirmando o que Sílvio Humberto aqui colocou, estarmos nos lugares que antes não nos eram permitidos; o quanto é importante ocupar, por mais simples que seja, e ocupar com responsabilidade, com compromisso e com senso de coletividade cada setor dessa nossa sociedade. É por isso que reafirmo a importância, neste momento, do povo brasileiro retomar o direito de afirmar a democracia.

Eu não poderia deixar de chamar a atenção de todos e dizer: Lula Livre! Lula Livre!

(A plateia se manifesta: “Lula Livre!”) (Palmas.)

Porque, na condição de preso, ele não paga e não responde por crimes, responde por acertos. É exatamente por ter permitido que negros e negras, índios, brancos também, pobres, sem dúvida, oriundos da escola pública pudessem adentrar as universidades públicas deste país, pudessem ocupar os espaços que eram reservados para a grande elite deste país... Eu não vou me alongar mais do que isso, mas dizer o quanto é importante que nesta Casa, no estado mais negro fora da África,

nesta Casa que reflete os interesses da sociedade do nosso estado, com 63 Srs. e Sr.^{as} Deputadas e Deputados, apenas três se autointitulem negros.

Por isso, Olívia, que é importante a gente ocupar mais e mais, e mais esse espaço. É, sem dúvida nenhuma, importante que a gente possa estar aqui nesta Casa com mais mulheres, mulheres negras, aguerridas, comprometidas como a senhora.

Dizer que, se não tivéssemos mulheres e homens negros ocupando espaços de poder na estrutura do Estado, como na Sepromi (Secretaria de Promoção da Igualdade Racial); Trabalho, Emprego, Renda; Mulheres; Cultura; entre outros que poderia estar listando, não teríamos avançado como estamos avançando ou pelo menos criando perspectivas de construção de novos sonhos. É por isso que é importante a ocupação desses espaços.

Eu quero, neste exato momento, já concluindo, dizer a esse guerreiro o quanto nós somos gratos pela sua existência, pela sua contribuição e pela sua trajetória. Quero antes de homenageá-lo, de fato, dizer a você: vida longa, companheiro! Vida longa, parceiro! (Palmas)

Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

(O Sr. Deputado Bira Corôa Lula assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Neste momento, eu convido a esposa, Sr.^a Joelma Vieira, e seu filho Alan para, juntos, entregarmos a honraria, que é a Comenda Dois de Julho, ao nosso homenageado, cantor e compositor Antonio Carlos Gomes Conceição, mestre Tonho Matéria. (Palmas)

Para completar as emoções, eu convido todos e todas para assistirmos a um videodepoimento de familiares... Nosso computador disse que a videoconferência será depois da fala do nosso comendador Tonho Matéria. (Palmas)

O Sr. TONHO MATÉRIA:- Bom dia a todos e todas, como um bom comendador, eu vou usar a tecnologia pra estar avançado. Então vocês já sabem: se me procurarem, tem que vir... Mas eu quero, primeiro, agradecer, de coração, a esse... (inaudível) Isso me fortalece mais para que eu possa dar continuidade a esse trabalho.

O grupo Os Negões tem uma música que diz: “Vou pondo, novamente o pé na estrada”. Essa frase, ela me remete a muitas coisas. E ainda diz que: “Pra jornada, eu vou dar manutenção a tudo que já conquistou”. Então essa medalha, ela é... essa comenda é o começo de mais uma continuidade para que eu possa estar dando mais manutenção.

Então, saudando a Mesa, na figura do nobre deputado Bira Corôa, autor deste belíssimo evento, desta belíssima honraria, eu estou muito forte, estou me sentindo muito forte. Quero também agradecer a essa mulher de luz, guerreira, uma mulher militante, uma mulher que é irmã de um capoeirista que está ali sentado, mestre Dedé, que nunca se afastou dos seus propósitos com a cultura, e até então... hoje, como secretária de Estado, ela se fortaleceu mais ao estar mais próxima à gente, é a

nossa grande liderança Arany Santana, (palmas) pela qual eu tenho um carinho imenso, um respeito imenso.

Quero também agradecer a essa outra mulher, uma mulher que vem das lutas das ruas e que chegou a uma secretaria para lutar por direitos humanos e criar editais para possibilitar que as instituições sociais, culturais tenham algo, mesmo nós tendo um governo, nós tendo um Estado que... Muitas vezes, os nossos estão no poder, à frente de uma pasta, mas as verbas, elas não são direcionadas da forma que poderiam ser. Essas pessoas fazem com que a gente se agrupe e consiga algo, e a nossa secretária Fabya dos Reis Santos, ela consegue fazer isso. Não sei como, porque essa pasta sua não tem dinheiro, mas eu consegui, através da sua pasta, desenvolver durante 2, 3 anos um curso de culinária africana que era um simples desejo de ocupar as mãos no momento em que elas não queriam saber de capoeira, e eu levei uma forma delas jogarem capoeira diferente. E eu cuidei de quê? Lembrei do mestre Pastinha: “Capoeira é tudo o que a boca come”. Eu levei para as mãos o curso de culinária africana, eram 300 mulheres, eram 30 mulheres, e a gente conseguiu atender quase 400, e muitas dessas estão no mercado de trabalho. (Palmas) Então, muito obrigado por essa oportunidade.

É... Eu sou bicudo... Eu coloquei o nome em um aluno meu: “Bicudo”... Luna, hoje, faz parte dessa instituição, que é a Steve Biko... que é Pátilla, que é uma menina negra e que tem uma capacidade imensa. E eu só digo aos meus alunos: “Vocês precisam buscar mais, vá à frente, não parem”. E Pátilla hoje faz parte desse projeto, se preparando para a universidade.

E é por isso que, quando eu passo pela avenida, eu saúdo, porque a história desse militante, Steve Biko, não se resume só a um mundo, mas a todos os mundos que estejam o nosso povo negro.

E o nosso vereador Sílvio Humberto é um capoeirista de lutas (palmas), e eu agradeço esse carinho. E obrigado por jogar capoeira. Uma vez só, mas jogou. Ah! essa mulher que dos anos vem me ensinando, não só a entender o espaço físico de uma casa, mas respeitar as minhas ideias, e quando chego em casa com um repertório enorme, porque é todo dia, toda hora. Todo dia eu tenho um projeto na cabeça e ela fala: ‘Mais um?’

E os alunos que estão lá em casa falam, tenho alunos que me chamam de pai. Eles falam: ‘Meu pai, de novo?’ E digo, não, a gente precisa fazer isso aqui, porque isso aqui ainda não foi feito. E essa é minha esposa, Joelma, e ela já declarou aqui esse carinho, esse amor (palmas). Obrigado por sua existência.

Eu tenho o prazer de ter dois mestres em minha vida. O primeiro mestre foi o Mestre Roberto Macaco. Mestre Geni e aluno do Mestre Canjiquinha. Canjiquinha, aluno de Aberrê. Depois fui treinar com outro mestre, jovem igual a mim, dois anos só à minha frente, que me ensinou também muita coisa dentro da capoeira. Principalmente, lutar capoeira. A esses mestres eu quero render aqui, neste momento, e agradecer por essa oportunidade de ter me feito capoeirista.

E eu trago aqui nesta Mesa, o meu avô de capoeira, que é o Mestre Marcos Alabama, (palmas) o qual eu tenho um amor imenso, um carinho imenso por

aprender tanto, mestre, com o Senhor, mas tanto. Suas palavras são certeiras. O senhor não sabe o quanto me transforma em um ser humano melhor. Toda vez que converso com o senhor, no outro dia eu acordo melhor. O senhor sabe onde chega e é por isso que está aqui. O senhor me completa e me transforma.

O Presidente dos Afoxés, da Federação Nacional de Afoxés e que eu lá, menino, garoto, não vou nem dizer menino, porque senão é problema. E me deu a oportunidade de pisar e cantar nos seus espaços, nas suas festas de largo. E eu sou também um Nadinho do Congo, sou um Congo, também. Eu te amo muito, meu irmão. (Palmas) Você não sabe, seu amor é imenso por essa oportunidade.

Uma vez, andando nas ruas de São Paulo, a gente viu numa revista escrito: pedaço de cada um. Eu olhei para ele e disse: rapaz, e aí? Ele disse: “Vamos escrever uma coisa”. Aí fizemos...

(Tonho Matéria canta uma canção)

Meu parceiro, eternamente, Tatau. (Palmas) Até hoje a gente tem essa música inédita, não é Tatau? Nem eu gravei, nem ele gravou porque a gente fica num ciúme imenso. Eu ligo para ele e digo: “Negão, eu vou dar essa música para Fulano.” Ele: “Não, não faça isso.” Aí quando ele me liga, ele: “Pedaço de cada um.” Eu digo: “Cara, você não á maluco.” E a música se torna inédita até hoje.

Eu quero aqui também falar sobre essa figura, lá no começo da década de 80, uma vez ... ainda não tinha Joelma, não. Vou até revelar, ela não estava ainda na parada. E aí eu cheguei numa determinada onda, quando cheguei lá, ele já estava marcando espaço e disse: “Seu negão, não entendi nada.” Eu digo: “Eu que não estou entendendo o que você está fazendo aqui.” E aí tivemos que resolver no diálogo. Eu capoeirista, ele valentão do Ilê Aiyê.

A gente vem ao longo desses anos nessa amizade, traçando uma figura que fez um projeto lindo, há pouco tempo, através da capoeira, no IAT, Instituto Anísio Teixeira, esse meu amigo Roberto Rodrigues, diretor do Ilê Aiyê, e eu sou Ilê. (Palmas) Meu parceiro irmão, não sei nem como vou apresentar, gente. Porque eu era menino na Fazenda Grande, ele já dominava a área naquele local. Hoje ele está à Mesa e diz que é um jovem. Eu não sei como apresentá-lo, mas vou chamar ele de meu senhor Ailton Ferreira, meu eterno secretário da Reparação Municipal, que no começo da Mangangá, sua aula foi incansável. E não era fácil naquele momento, quando eu chegava e você dizia não tem verba. E eu dizia: “Tem água.” Você dizia: “Tem.” Eu: “Então consiga todas as águas.” Eu faço isso hoje com Ana Torquato. Obrigado, Ailton, por aceitar o convite. (Palmas)

Eu quero saudar aqui também, ela teve que sair por compromisso, mas quando eu formei o bloco da Capoeira, ela me deu gabinete, computador, e me levou a um dos grandes publicitários que nós temos aqui, João Silva, que fez a marca do bloco da Capoeira. A nossa ex-secretária, agora na militância da disputa por uma vaga aqui na Alba, a nossa grande Olívia Santana. (Palmas) Citei todo mundo?

Na verdade, eu fiz um texto aqui rápido, mas já está pronto. Falou da minha infância, menino pobre e tal, do terreiro de candomblé, Dona Tide que me alimentava, quando o tambor tocava, depois a igreja do Padre André, aí vem com a

minha vida da militância da capoeira, sobrevivendo com ela; da capoeira eu conheci a música. Fui seguindo do bloco afro para o afoxé, fui cantor do bloco Os Comanches. Quando aconteceu o acidente na Ladeira do Castro Alves, eu, Eron, nós éramos cantores, nessa época, do Comanches.

Então quero agradecer muito a Jorginho Comancheiro pelo carinho, a todos os blocos que passei: Ilê, Olodum, Muzenza, Malê, Afreketê, Amantes do Reggae, Ébano; a todas as entidades afoxés, o Congo, Olorum Baba Mi, Omolu Ilê, Oyá Ilê, os sambas juninos todos que eu participei, Corujas Juninas, Semeadores do Samba, Obatalá, Ganzá, Pagode dos Fiaes, tantos e tantos.

E dizer que a Mangangá nasce por uma forma de desejo de dar continuidade na minha comunidade. O que eu queria naquele momento ali era, já que a minha comunidade me transformou num ser humano, legal, bacana, eu quis devolver isso. E aí nasce, em 2001, a Associação Sociocultural e de Capoeira Bloco Carnavalesco Afro Mangangá. Porque, naquele momento, eu já tinha uma viagem de transformar isso num projeto de Carnaval, mas não sabia como e levei oito anos. E essa ideia, foi inspirada em um bloco de capoeira que foi o bloco Gunga que tinha na BCA onde o mestre, meu padrinho de capoeira que está aqui, Mestre Boa Gente, fazia parte também e outros. Depois, o Mestre Amém, em 85, que veio com a proposta de trazer um bloco de capoeira também para Salvador. E quando eu tive a ideia de dar o título do Carnaval de Carnaval da Capoeira, não é isso mestre? Junto com o mestre Boa Gente, junto com Badá, a gente conseguiu esse aporte e aí a gente veio com o Bloco da Capoeira que era um projeto só de um ano, queria que o bloco se estendesse, era só uma ideia, e terminou ficando o Bloco da Capoeira que, na verdade, era o Bloco Afro Mangangá, mas aí eu ouvindo todo mundo chamar o Bloco da Capoeira resolvi deixar o nome Bloco da Capoeira foi o nome popular que aconteceu.

E, daí em diante, quando a Mangangá surge, eu tive o apoio de Nalu Miranda, de Eliana, Cássio, de Honda que era uma americana que trouxe um projeto *Angel for Children* onde fazia com que as crianças pudessem aprender o básico do inglês; mestre Reginaldo, mestre Máximo, Mestre Boa Gente. Foram essas figuras no começo dessa entidade que estavam ali presentes apoiando, me ajudando a constituir esse projeto. E Nalu Miranda foi quem fez o estatuto do Mangangá e depois foi trazendo outras pessoas para a gente arrumar a Casa. Porque quando eu fiz a entidade era só para jogar capoeira, ocupar os meninos, fazer uma roda de capoeira, não entendia nada de documentação.

E uma época eu pedi ao vereador Alfredo Mangueira, do Bloco Jóia... eu tinha cantado com Alfredo, ele foi candidato, ganhou, e eu pedi a ele uma ajuda para fazer o primeiro evento da Mangangá. E ele disse a mim: “Tonho, vou ajudar, porque é você, Tonho Matéria, que está pedindo.” E aí, eu entendi que aquela ajuda não era para o bloco, era para Tonho Matéria. E quando eu terminei o Carnaval, que eu juntei um dinheirinho, eu fui, devolvi o dinheiro e agradei, porque Tonho Matéria não precisava, quem precisava era a entidade, que era a Mangangá. (Palmas)

Eu fui criando outras formas de não ficar no “se me dão”. Eu olhava para os meus alunos e dizia: “Se eu ficar nessa aqui, meus alunos vão olhar para mim, e não vão conseguir, eles não vão conseguir.” Aí eu fui batalhando, batalhando e tive muita

gente do meu lado: Luzia, Geórgia Luzia, que não está aqui, mas a irmã dela está aqui, Val, Samira. Juntos, neste mesmo período, criamos um outro bloco, porque eu dizia: “Vamos fazer um bloco de samba, porque aí tem um de capoeira e um de samba.” E fizemos o samba popular. Hoje, Nadinho está ali, que não é o do Congo, mas é outro Nadinho, é o presidente, hoje, dessa entidade, que é uma entidade que a gente criou para a comunidade do Pau Miúdo e do Garcia, por conta do nosso querido França, que foi um dos idealizadores, junto com Laudelino.

Então, muitas coisas foram acontecendo, a entidade foi aparecendo, o Bloco da Capoeira surgiu, muitos capoeiristas não acreditaram, não apareceram, mas alguns foram para o campo de batalha. Alguns amigos como Dado Brazawilly e Lucas di Fiori; Joca Soares, você, cara, muito obrigado, viu? Você está na memória da Mangangá, pela sua luta, parceria de me levar em determinados lugares, muitas vezes a gente não conseguia, mas a gente ia e a gente sensibilizava. Você lembra quando eu cheguei na Ambev, e um dos diretores me chamou e me disse que só tinha R\$ 5 mil para o Bloco da Capoeira, e eu disse a ele que o Bloco da Capoeira, a capoeira não precisava de esmola, e não recebi o dinheiro? E eu precisava muito daqueles R\$ 5 mil, muito! Mas eu não recebi por dignidade a minha arte. (Palmas)

Mas foram para o campo de batalha naquela época, 1º e 2º ano do bloco: Mestre Dalto, Mestre Caroço; Mestre Atabaque; Mestre Máximo, que até hoje comanda a ala de berimbau; Mestre Boa Gente, que trouxe vários estrangeiros, que formou a ala e ficava só jogando as caixas, nessa resistência – até hoje ele compõe esse papel; Mestre Risadinha; mestre Geni; Mestre Ministro, que foi para dentro da Mangangá e fez para a gente um curso de como fazer, com papelão, peças decorativas para a gente botar no trio, para a gente botar na cabeça, para a gente botar no braço – Mestre Ministro, aluno do Mestre Dedé, fez isso; Mestre Dedé, que dizia nas rodas de capoeira – posso falar a linguagem da capoeira?: “Meu irmão, ó porra, negócio de sair no Chiclete com Banana, não sei o quê. A gente tem que sair no Bloco da Capoeira, viu, viado?!” Então, o Mestre Dedé fazia isso; e Mestre João de Barros, que levou, durante 2 anos, o seu balé para se apresentar naquele espaço ali.

Então, mestres, a todos vocês eu tenho uma gratidão imensa. E aí, depois do 3º ano, foram surgindo outros mestres. Mestre Cassio já trouxe a sua turma do Gueto. E aí, outros mestres foram acontecendo. E mesmo assim, não era fácil a gente atrair todos os capoeiristas, porque no primeiro ano do bloco fizeram uma campanha dizendo que o Bloco da Capoeira recebeu 1 milhão. Muitos não foram, porque não tinha dinheiro para ganhar, porque o Bloco da Capoeira estava ganhando 1 milhão.

Eu ficava mais triste, porque eram capoeiristas negros, capoeiristas que estavam fazendo doutorado, mestrado, estavam fazendo uma conspiração contra uma luta nossa. A capoeira era tão poderosa, que eu não ganhei 1 milhão, mas ele teve que devolver 50 mil para o governo federal. Essas coisas foram acontecendo, vários parceiros foram aparecendo.

No 3º ano apareceu Andrea Macedo, que está ali na minha frente, e que trouxe as senhoras do CSU do Nordeste, que deram um corpo para essa entidade. Primeiro ano, de roupas, fantasias, veio André. Depois de André, veio Joaquim Assis. E depois de Joaquim Assis, eu tenho hoje Anilton. Cadê Anilton? Ele não gosta de aparecer, é

quem faz as indumentárias. Chama Anilton aí, gente! Porque o povo precisa saber quem ele é. Depois do Carnaval deste ano, Anilton quase perde o pé. Foi uma batalha grande. A gente foi para cima, porque a gente precisa cuidar dos nossos. Ele escondeu esse problema que ele tinha, aí Joelma descobriu. Joelma, com olho de naja, de águia, foi dentro e descobriu tudo isso.

Então, esse bloco é fomentado por várias mãos. Eu só tenho as ideias, e as mãos... Junior, que faz as cabeças. Cada um vai dando corpo. Eu não sei se eu lembrei de falar de todo mundo aqui. Mas, meus alunos, cada um têm uma função de ajudar essa entidade. O mestre já morreu. O Mestre Raimundo Quilombola, o Mestre Mãozinha – quem mais gente? –, Mestre Grauçá e tantos que dizem assim: “Mestre, eu vou te ajudar lá, vou ser o cantor”. Até hoje eles estão aí. E agora chegando de Deus, e chegando outros, outros e outros. Meu filho Alan, que sai na busca, na batalha, ele diz: “Não, você precisa se preservar”. E agora como comendador, meu amigo, só vou ligar: “Oh! É uma ordem do comendador! Atenda! Certo?” Porque essa luta incansável dele gerou um problema no joelho, ele teve que fazer uma cirurgia. No carnaval, ele, operado, estava em cima do trio resolvendo problemas.

Então, é uma luta para a gente fazer isso. E aí, vem gente de fora, muitos amigos vêm participar desse projeto: Mestre Malícia que está ali; Mestre Morgado, que também é um dos candidatos à capoeira esse ano como deputado federal. O homem ousou, viu?! E o homem é cana! Mas eu sou comendador, viu?! Eu sou comendador e te desejo sorte nessa trajetória que você está trilhando.

Mas tudo isso para mim, o que mais vale dentro da Mangangá é quando eu chego para um aluno e digo assim: “Você precisa ser mais! Você está muito pouco no que você está fazendo, precisa avançar mais, acreditar em você!” E eles vão acreditando, e hoje nós temos Lucas Sotero, que está no Orumi, na militância e na universidade fazendo Engenharia Civil; nós temos Josevalda, que é Val, aluna de Tici, que está fazendo Serviço Social; temos Rosiane, que é Rose, também fazendo Serviço Social; Tatiana Maringada, aluna de Nuno, fazendo Direito; Railson, que está ali, fazendo Comunicação Social e Jornalismo; Isabela Torrier, aluna de Nuno, fazendo Medicina; Pedro José Maçum, aluno de Nuno, fazendo Geografia, Planificação e Desenvolvimento Regional; Dércio Suarque, Engenharia e Informática, de Telecomunicação; Ed Matola, fazendo Engenharia e Informática, todos esses alunos de Nuno; Luís Jó, Licenciado em Informática; José Ferreira Filho, que é Zanata, que fez Gestão de Empresas e agora está fazendo Educação Física; Jarlene, que eu chamo ela de Cigarra, aluna de Del, que está ali, fazendo Educação Física; Cláudia Donato, que é a professora de vários que estão aqui – levantem as mãos –, fazendo... acabou de fazer o curso, se formar em Administração de Empresas, e agora está fazendo pós-graduação; nós temos Valter, aluno de Nuno, que está fazendo Engenharia Mecânica e de Transportes; temos também Gledston fazendo Psicologia Clínica e de Aconselhamento; Andreza Bonfim Rocha, essa eu estendo uma fala de que a Capoeira Mangangá existe por conta dela, porque com 3 anos eu ensinava capoeira a ela, e não tinha esse projeto, por conta dela veio a ideia de fomentar – hoje ela está fazendo Educação Física; Josmar, Educação Física, já formado, fazendo pós-graduação e já dando aulas, fazendo várias coisas; Bruna, que

está fazendo Biomedicina; Danilo Moreno, fazendo Farmácia; Geórgia Luzia, que já terminou, em Turismo; Nuno, Engenharia Civil; Igor José Ramos dos Santos, que ontem, sem ele saber, mandou uma mensagem para mim, passou no curso de doutorado em Biologia Vegetal. (Palmas)

Isso tudo porque quando eu comecei com a Mangangá, voltei para a universidade para fazer Publicidade e Propaganda, e dizia a dona Joelma: “Você precisa estudar.” Porque se a gente não consegue chegar, como é que o aluno vai ver a gente? E ela voltou para a universidade para fazer bacharelado... – Quase não sai, hein? Está comendo a palavra. Comendador pode, não é? (risos) – (...) Turismo e Evento, e é Joelma que promove todos aqueles eventos que a gente vem desenvolvendo. E hoje, nós temos inúmeros parceiros, que estão aqui. Tenho alunos que estão aqui, que não estão na capoeira, mas que estão aqui. Essas meninas, que são mães, alunos que são pais e que estão inseridos nesse projeto, alunos que não foram ainda à universidade, mas que já têm suas profissões, como Elton, que está ali. Se vocês tiverem uma casa de praia, podem convocar Elton, que ele trata do jardim de vocês. Ele é mestre ou doutor em jardinagem, sabe tudo. Levante-se, Elton, para as pessoas saberem quem é você. (Palmas)

Se vocês precisarem de seguranças, nós temos, aqui, Tiago Reis e Negão Brasil. Se vocês precisarem de lutadores, nós temos, aqui, o contramestre Déu, que é preparador de muito alunos dele, e alguns estão aqui. Se vocês precisarem de um bom pintor, de um bom pedreiro – mais na pintura –, é só convocar o nosso grande contramestre Lu Ovelha, quem eu recomendo. E, se vocês precisarem de um grande líder na área de Educação Física, sabedor de tudo do corpo, eu tenho mestre Alfredo, que é um parceiro dessa jornada. (Palmas)

Enfim, temos vários mestres aqui, mestre Lourinho, mestre Oto... Esta roupa que estou vestindo eu ganhei de presente na semana passada. Eu disse a este mestre: “Eu vou usar esse pano que você está me dando, que é um pano nigeriano, e vou fazer uma roupa para o Berimbau de Ouro.” Eu não sabia ainda da premiação. Quando eu soube – nossa Lindinalva me falou–, ligeiramente falei para Joelma: “Com este pano eu vou fazer a roupa, porque eu sou um comendador, e eu quero ser um comendador africano na Bahia”. Então, eu quero agradecer pelo presente ao mestre Pinaúna: obrigado! Na verdade, eu não revelei também... E, quando a gente chega com um presente como um pano dentro de casa, pensa que quem deu? Eu sou comendador, eu não posso comer a dor. Entendeu? (Risos)

Então, eu quero agradecer pelo carinho de todos os meus alunos; Juci, que está também na luta. Enfim, todos de quem falei e de quem não falei. Meu parceiro de palco que muito me ensinou também, me ensinou a me apresentar em show folclórico, nosso grande mestre Edson Escovão: você tem uma parcela e contribuição em tudo que eu faço, você me ensinou muito também. Enfim, a todos vocês, a todos que puderam vir, aos que não puderam, a muitos que me ligaram dizendo: “Mestre, pelo amor de Deus...”

Mas tem um aluno, em especial, que queria fazer um depoimento, não sei o que ele vai falar, mas eu queria que ele viesse aqui, que é Alex. Venha aqui, Alex. (Palmas) Eu chamo Alex de “Baratino”, porque tudo dele é no “baratinho” lá na

capoeira. Mas, antes de Alex chegar aqui, eu vou contar um pouco da história dele. Alex é aluno de Déu e teve uma vida... Foi proibido, dentro da família dele, foi abandonado, jogado nas ruas. Ele treinava capoeira. Às vezes eu chegava lá e ele estava sujo, eu não sabia o que era, imaginava que era da capoeira, e ele morava na rua. Um dia, Déu me falou: “Mestre, estou com um problema sério com Alex, ele não tem onde morar. Eu botei ele aqui na academia, mas eu preciso fazer uma reforma, não sei como fazer e tal”. Eu disse: “Tudo bem, capoeira dá jeito em tudo. Como ele está na rua? Está usando droga, está viciado?” E Déu disse: “Não, mestre, por incrível que pareça, ele mora na rua, é fominha de capoeira, aparece todo dia aqui, me pede pão, me pede comida, tenta fazer a viração dele, nunca se envolveu com nada”. Eu trouxe Alex para morar comigo, e hoje ele está a cada dia se revelando. É um dos filhos que eu adotei através da capoeira. (Palmas)

O Sr. Alex:- Boa tarde a todas e todos. Todos estão me escutando aqui, não é? Pois é, ninguém me escutava. Agradeço primeiramente a Déu, segundo a Gabriela, que não posso esquecer. Foram pessoas que foram o caminho para mim. Acho que, se não fosse Déu, eu não chegaria a ter esse caminho. Para mim é uma estrela.

Tonho Matéria, não sei nem como falar. Eu ando nas ruas, mas o meu caminho é Tonho Matéria. Com 1 ano e 6 meses fui abandonado pela primeira vez. Aos 5 anos de idade fui adotado, e aos 13 fui abandonado novamente. Nas ruas... Na verdade, eu nem sabia o que era rua, e quando chovia, caía pingo, eu ia para um lugar onde eu pudesse ficar guardado e não me molhasse. Por incrível que pareça, certa vez me deram de presente uma cama. Eu estava dormindo na rua, em frente a uma quadra, e eu falei: “Poxa, está em tempo de chuva, tenho certeza que vou me molhar”. Por incrível que pareça, molhou em todo lugar, mas não molhou onde eu estava.

Eu cheguei até o mestre e falei: “Mestre, preciso mudar de vida. Eu não quero ser mais um na sociedade, um negro que foi abandonado, foi para o tráfico, foi para as drogas, se envolveu, morreu. Não. Quero dizer que fui mais um negro que lutou e venceu”. E Tonho Matéria para mim não foi só um pai, não é só um pai, mas é um caminho. Tonho Matéria, obrigado. (Palmas)

O Sr. TONHO MATÉRIA:- São relatos reais. Não tenho só ele, tenho vários, vários que já se foram, que não quiseram ouvir, alguns que a gente conseguiu trazer para este mundo. Uns estão aqui e sabem do que eu estou falando. Não é fácil.

Arildo dizia que eu era maluco: que eu não conhecia o menino, o que ele estava passando, e o levava para dentro da minha casa. Eu dizia: “O pedaço de pão que eu comer esse menino vai ter que comer, porque ele vai sentar à mesa, ele vai se encontrar”. Joelma fazia esse papel de ensinar a usar o garfo, ensinar a falar, a se apresentar, a não ter medo de enfrentar a realidade, para depois a gente dar a ele a vida para ele entender. E a gente vem fazendo isso durante esse tempo todo, e deu certo, está dando certo.

Mel, você é uma das filhas que eu queria ter, você sabe que tenho um amor muito grande por você, por você fazer essa contribuição e ser hoje essa parceira, uma mulher revolucionária. Um amor imenso que tenho por ti. Agradeço muito, porque você deu essa oportunidade também a Alex.

Anilton, você também está se escondendo, mas venha aqui rápido. Sobre essa roupa, de que eu já falei, Joelma me mandou aqui para corrigir o nome do costureiro, que eu não falei: Edy Vitório que fez essa roupa. Então, acho que é isso que eu queria falar.

Agradecer também a uma grande militante lá no Benin, que me chama, que me leva para as escolas, que leva Negão Brasil, que leva Mangangá para percorrer várias escolas, que está ali e que é uma “tonhete”. E ela me chama de o nego mais bonito da Bahia, e eu acredito. Anilton está aqui: obrigado, Anilton, por fazer do Bloco da Capoeira aquele visual que todo mundo vê e que sai de suas mãos. Grande artista. (Palmas)

O Sr. Anilton:- Agora o cachê é mais alto.

O Sr. TONHO MATÉRIA:- Agora que ele disse que eu sou comendador, o cachê é mais alto. (Risos) (Palmas)

Minha professora Régia: muito obrigado. Muito mesmo. Régia diz assim: “Tonho, para mim você é cantor, compositor, pensador, ativista, capoeirista. Você é lutador, você é guerreiro. É por isso que você forma um conjunto do negro mais bonito da Bahia, porque, em cada lugar que você vai, você deixa uma marca”. Obrigado por isso.

Agradecer, do fundo do coração, ao deputado Bira Corôa, que também foi capoeirista por alguns dias. Você quer que eu conte sua história? Reinaldo Terra Samba também é uma resistência na capoeira, e agora formou um grupo de três. É tão engraçado, é para provocar. Aí Reinaldo começa a jogar capoeira, o Ninha fica olhando assim, e Tatau assim. Ou eles estão torcendo para o velhinho cair, ou estão querendo entrar no processo. (Risos) Reinaldo, que foi aluno do mestre Piauí, depois foi aluno do mestre Dedé e hoje faz parte do Axé 90 Graus. Como artista, foi do Terra Samba; como capoeirista, do Porto da Barra, com mestre Cabeludo.

Então, quero agradecer, do fundo mesmo do coração, a todos vocês que estão aqui, aos de que eu não falei os nomes, aos pais, as mães. A você, Cléber, que é um pai presente. A vocês mães, Luciene e Luciana. Quem mais? Tonho Treze, ali, que é meu amigo de infância e, hoje, pai da Mangangá, que é o pai do maestro. E é dessa forma que a gente vai fazendo esse projeto maravilhoso.

Então, a todos os alunos da Mangangá, minha gratidão. Obrigado por vocês ouvirem os meus gritos, porque não são poucos. E agora, como comendador, meu amigo, vai ser pior.

Vai ter o vídeo ainda? Então vamos ver o que vem de lá.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

Meu filho, eu te amo, dentro do meu coração. Peço a Deus, a Nosso Senhor Jesus Cristo e ao Espírito Santo de Deus que aonde tu pisar o Espírito de Santo há de estar te olhando, pisando junto. (Palmas) Deus que abençoe a meu filho. Deus te ama. (Palmas)

O Sr. TONHO MATÉRIA:- São meus pais, aprendi tanto com eles, vocês não sabem. Muito difícil!

Minha mãe vendia acarajé, acordava cedo e dizia a mim: “Meu filho, eu quero que você seja médico para você mudar a nossa vida.”

Meu pai vendia amendoim nas ruas e laranja, e eu aprendi a cantar com meu pai, a ser esse homem que passava... via meus pais com tantas dificuldades e estavam ali, felizes.

Meu pai, às vezes, bebia, e uma vez eu cheguei para o médico e disse ao médico para dar um remédio a meu pai e dizer a meu pai que esse remédio ia fazer 30 anos de efeito, e que ele não podia beber. E meu pai fez isso, ele parou de beber assim.

Era muito duro, mas eu sou um produto deles. Tudo o que eu sou eu sou um produto dos meus pais, foram eles que me fizeram ser assim: primeiro eles.

As dificuldades... quando não tinha comida, minha mãe mandava comprar ovo. E dizia: “Tonho, suba ali no pé de mamão que eu vou fazer uma moqueca para você.” Não tinha café, não tinha pão, comprava o pó em Dona Alice ou em Sr. Branco, pedia para comprar a farinha, comprava a farinha fiado, eu botava a farinha no café e ia para a Escola Josafá Carlos Borges estudar. E eu estou aqui.

Não precisei usar droga, não precisei traficar, não precisei fazer nada, a não ser me apoderar da arte, porque eu queria ser não o que eu sou hoje, mas eu queria só mudar um pouquinho a minha família, queria só dar um pedaço de dignidade. Porque a minha mãe disse que quando eu nasci uma senhora disse a ela que ela tinha que fazer uma promessa. E ela fez essa promessa a São Lázaro, e me colocou o nome de Antônio.

Eu nasci na porta de casa, estava chovendo. Dona Júlia foi a parteira que me pegou e cortou o meu umbigo, e que olhou no olhar de minha mãe e disse a ela: “Esse menino vai transformar a sua vida, Dona Frozina.” E eu estou aqui, transformando muitas vidas, eu, não, a arte. A capoeira me deu tudo isso.

Minha mãe caiu, está operada, não pôde estar aqui, meu pai está com 90 anos, faz agora, então, é muito complicado para eles virem. E eu recebo esse presente da família, de alguns que puderam vir, outros que não.

Mas é isso que eu quero que meus alunos vejam em mim, vejam nos mestres o que todos passaram, as dificuldades, e que hoje estão aí, vivendo dignamente, sem precisar abaixar sua cabeça, se entregar para o sistema que só faz danificar nossa estrutura familiar. É necessário que cada um entenda o seu propósito e que dê manutenção em tudo o que quer. É o que eu estou tentando aos poucos fazer.

Ainda não fiz nada, gente, mas ainda vou fazer muito, ainda vou fazer muito, porque eu tenho um sonho, e esse sonho é muito grande e eu dependo de cada um que esteja nessa Mesa aqui, que está nos representando.

Então, muito obrigado, muito mesmo.

E eu quero encerrar a minha fala homenageando um homem negro que não foi para a escola. Quero, também, agradecer à *Revista Digital*, a Tânia, por esse carinho, e a Mário Sérgio, por esse carinho. Obrigado por vocês terem ido lá, feito isso, me dado essa surpresa.

Muito obrigado.

Cem anos da capoeira regional. Eu quero agradecer imensamente ao criador dessa arte regional, chamado Manoel dos Reis Machado. Obrigado, mestre. (Palmas) E aqui eu tenho dois dos seus alunos te representando: Mestre Lourinho e Mestre Otto.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Ainda registrando a presença do ex-Secretário de Reparação de Salvador e ex-vereador do município de Salvador, Gilmar Santiago.

Bom, gente, é muito forte, mas as emoções são sempre bem-vindas. Em nome da ALBA - Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, agradeço pela presença às autoridades civis, militares, amigos, familiares do homenageado, aos Srs. e Sr.^{as} Deputadas, à imprensa, a todos e todas, aos servidores desta Casa, aos colaboradores dos nossos mandatos. Enfim, a todos que de forma direta ou indireta ajudaram a construir e a realizar este ato.

Ao término desta sessão, que estou praticamente concluindo, eu vou, mais uma vez, convidar para um breve coquetel, que será servido no salão ao lado, e solicitar aos alunos do Mangangá que executem a música ‘Sou Mangangá’, na medida em que e gente vai encerrando e se dirigindo para o ato ao lado.

Iríamos fazer uma grande roda de capoeira, mas, quem sabe, lá na área a gente não seja, mais uma vez, tomado pela emoção e a capoeira nos conduza.

E em nome de Deus, dos orixás, minkisi e voduns, eu dou por encerrado esse ato, agradecendo pela presença a todos e todas. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.